

Brasil se prepara para negociação com o FMI

O País se arrisca a ficar isolado se demorar a fechar um acordo com o Fundo

PAULO SOTERO
Correspondente

TÓQUIO - O acordo com os bancos credores sobre os juros em atraso e a colisão frontal entre o Brasil e os países industrializados na reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no domingo, criaram expectativas contraditórias sobre o futuro das relações do País com a comunidade financeira internacional.

Os otimistas e esperançosos acreditam que o duro protesto brasileiro contra o bloqueio de um empréstimo de US\$ 350 milhões do BID ao País zerou a conta política e lembram que o acerto com os bancos removeu da cena a questão que envenenou as relações do Brasil com o Grupo dos Sete (G-7) países mais ricos do mundo e desimpidiu o caminho para um acordo sobre o estoque da dívida e a normalização dos laços com credores privados e oficiais. Sem menosprezar o custo político que o País pagou durante a confrontação dos últimos meses, eles sugerem que a capacidade de resistência política revelada pela ministra da Economia no episódio pode ter convencido o G-7 de que Zélia não está para cair e é com ela mesmo que terão de lidar.

A agenda das próximas semanas opera a favor da dinâmica do entendimento. Dentro de duas semanas, a ministra da Economia irá a Washington para reunião do Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI). Logo depois, deve ir a Tóquio para uma visita oficial, combinada durante seu encontro com o ministro das Finanças do Japão, Ryutaro Hashimoto, em Nagoya, na semana passada.

Em junho, o presidente Fernando Collor faz uma visita oficial aos Estados Unidos. Nesse meio tempo, o governo prometeu iniciar as primeiras grandes privatizações, no setor siderúrgico, e deve começar a negociação sobre o estoque da dívida com os



Wilson Pedrosa/AE

Mulford: alvo das farpas de Zélia

bancos. Pode, se quiser, aproveitar a visita de uma missão regular do FMI ao País, prevista para os próximos dias, para iniciar a revisão do acordo feito no ano passado, que não deu certo por causa do problema dos juros atrasados, e dar um sinal positivo antes de Zélia chegar a Washington para a reunião do Comitê Interino.

QUESTÃO A RESOLVER

Os céticos e pessimistas lembram, contudo, que a questão do empréstimo do BID ainda não foi resolvida e que detalhes técnicos que ainda devem ser acertados podem levar os Estados Unidos a votar contra o crédito de US\$ 350 milhões, para um programa de saneamento, quando ele for posto em votação, no dia 24. A oposição norte-americana não seria suficiente para impedir a aprovação do crédito, mas pode ser o bastante para voltar a envenenar o ambiente. Os que pensam assim temem que o tom do discurso de Zélia no BID, os conselhos que ela deu a Washington sobre política fiscal e as farpas que trocou à mesa do jantar com o sub-secretário do Tesouro americano, David Mulford, terão um preço. Eles lembram, também, o ressentimento que a ação do G-7 causou em Brasília.

O que acontecerá daqui para a frente dependerá, em larga medida,

da disposição com que o governo conversará com o FMI. Por esse critério, os céticos levam, no momento, um corpo de vantagem. Depois de seu encontro com Hashimoto, de quem ouviu uma manifestação clara do desejo do Japão de ver o Brasil e o FMI de acordo, Zélia afirmou aos jornalistas que vai demorar muito — ela não sabe quanto tempo —, para o Brasil chegar a tal entendimento. Ela explicou que os níveis de inflação dos países industrializados são inalcançáveis no Brasil e quer, por isso, ter uma discussão exaustiva com o fundo sobre o processo inflacionário brasileiro. Dois dias depois, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, previu no Senado que será difícil chegar a um acordo com o FMI.

SEM MILAGRES

Em sua essência, as declarações de Zélia e Eris nada tem de novo e soam como a descoberta da pólvora. O governo que pretendeu matar o monstro com um único tiro e dar ao País uma inflação de Primeiro Mundo está apenas constatando o que os técnicos do FMI e a maioria dos economistas já sabiam ou desconfiavam: não há vitória milagrosa contra a inflação brasileira. Seja como for, se demorar a entender-se com o Fundo, o governo se arrisca a continuar isolado e perder a oportunidade que se abriu na semana passada para normalizar suas relações com a comunidade financeira internacional.

O que a Zélia e o Ibrahim estão dizendo é que há obstáculos políticos para o ajustamento e que, agora, o governo provavelmente vai tentar o combate à inflação pela beirada, enquanto tenta ir às suas causas, reduzir o déficit público e acelerar a privatização, analisa um ex-presidente do Banco Central.

Seja como for, a atitude zangada que a equipe econômica parece estar adotando em relação ao fundo não ajudará o País fora. Enrique Iglesias, o presidente do BID, disse que a insistência no acordo com o FMI, não só no caso do Brasil, reflete o fim da tolerância com a indisciplina nos países devedores. No Brasil, a nova disposição das autoridades econômicas de ressaltar as exigências do FMI pode levar o governo que enterrou a síndrome do FMI a reinventá-la.